

O RETORNO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO¹

Sueli Siqueira

Universidade Vale do Rio Doce

Governador Valadares – MG – Brasil

Fone: (xx)33 32716589/99616098

suelisq@hotmail.com

Resumo

O projeto inicial do emigrante é fazer uma poupança, comprar uma casa, um carro e montar um negócio e retornar para sua cidade de origem. A questão central deste artigo é verificar como homens e mulheres concretizam o projeto de retorno. A pesquisa foi realizada no período de 2004 a 2005 na Microrregião de Governador Valadares com 173 emigrantes que retornaram e tornaram-se proprietários de pequenos e médios empreendimentos em suas cidades de origem e nos EUA com 35 emigrantes que fizeram este mesmo percurso, contudo foram mal sucedidos em seus investimentos e retornaram à condição de emigrantes nos EUA. Entre os retornados que foram bem sucedidos apenas 12,7% eram do sexo feminino enquanto que entre os mal sucedidos 51,4% eram mulheres e 48,6% homens. Porque as mulheres são minorias entre os emigrantes retornados bem sucedidos? Os dados nos permitiram concluir que nos EUA homens e mulheres dividem tanto as tarefas domésticas como a responsabilidade de fazer a poupança e ao retornar os homens assumem a direção dos negócios ficando a mulher numa posição secundária. Ajudam no empreendimento, discutem as decisões, mas quem assume a posição de proprietário é sempre o homem. A maioria (67%) das mulheres que foram bem sucedidas não permaneceu no casamento. Quando comparam a vida nos EUA e no Brasil a avaliação das mulheres difere dos homens. Para as mulheres a grande vantagem da vida nos EUA é a liberdade e o fato de terem seu próprio dinheiro, ganharem igual aos homens e às vezes até mais que eles.

Palavras chaves: emigração, retorno e gênero.

Abstract

The emigrant's primary goal is to save money, buy a house and car, set up a business and return to the origin city. The central subject of this article is to examine how men and women differentially experience return migration. The research was conducted from 2004 to 2005 with 173 return migrants in the Governador Valadares Microrregion who became proprietors of small and mid-size businesses in their origin cities and with 35 emigrants in the USA that also returned and either started unsuccessful businesses or made poor investments, which resulted in their return to the USA. Among those who returned and were successful, only 12.7% were female while those who were less successful were 51.4% female and 48.6% male. Why is it that women are in the minority among the successful return migrants? The data allows us to conclude that in the USA men and women equally share domestic tasks and the responsibility of saving money. However after returning men assume the leadership position in the businesses while the woman is in a secondary position. Women help with the business and discuss important decisions, but the man usually assumes the proprietor's position. Most of the women (67%) that were successful were divorced. When participants compare life in the USA and Brazil, the women's evaluation is different from that of the men. For women, a great advantage of life in the USA is freedom and the ability to have their own money; they earn just as much as or sometimes more than the men.

Key words: emigration, return and gender.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

INTRODUÇÃO

A migração internacional de brasileiros da Região de Governador Valadares para os Estados Unidos é um fenômeno que teve início no ano de 1964. Neste ano emigraram, com visto de trabalho 17 jovens, na faixa etária de 18 a 27 anos. Pertenciam às famílias da elite valadarense, sabiam inglês e foram motivados pelo desejo de conhecer um país que consideravam desenvolvido e cheio de grandes oportunidades. Estes primeiros emigrantes formaram os pontos iniciais da rede social que possibilitou, anos depois, a configuração de um fluxo migratório de valadarenses para os Estados Unidos (SIQUEIRA, 2008).

A emigração bem sucedida dos que partiram desde o ano de 1964, a representação dos EUA como um lugar de progresso e desenvolvimento, onde era possível ganhar muito dinheiro, a configuração de uma rede de informações sobre todos os aspectos da emigração, associados à crise econômica brasileira e à estagnação econômica da cidade, gerou um *boom* no fluxo de valadarenses para os EUA, na segunda metade dos anos de 1980.

Neste período cerca de 70% dos emigrantes eram homens (MARGOLIS, 1994), passados uma década o percentual de homens e mulheres se igualou. Pesquisas² recentes demonstram que nos últimos anos tanto homens quanto mulheres emigram em busca de melhores condições sociais e econômicas.

Em que medida o projeto, a vida, o trabalho nos Estados Unidos e mais especificamente o retorno se distingue entre homens e mulheres? Por que nos estudos sobre retorno as mulheres são pouco expressivas? Estas são algumas questões que este artigo estará abordando.

Os dados foram coletados na pesquisa realizada pela autora no período de 2004 e 2005 nos Estados Unidos³ e na Microrregião de Governador Valadares⁴. Trabalhou-se com dois grupos: Emigrantes na Região da nova Inglaterra, cuja cidade de origem está situada na Microrregião de Governador Valadares, que emigraram, retornaram e devido ao insucesso do seu projeto de retorno reemigraram, este grupo foi denominado de **mal sucedido no projeto de retorno**. São ao todo 35 pessoas sendo 48,6% homens e 51,4% mulheres. O segundo

² ASSIS, 2004; DeBiaggi, 2004; Fusco, 2005

³ A pesquisa foi realizada nas seguintes cidades: Boston, Framingham, Somerville, Bridgeport, Newark, Danbury, Fairfield. Estas cidades foram selecionadas por serem o destino de grande parte dos valadarenses.

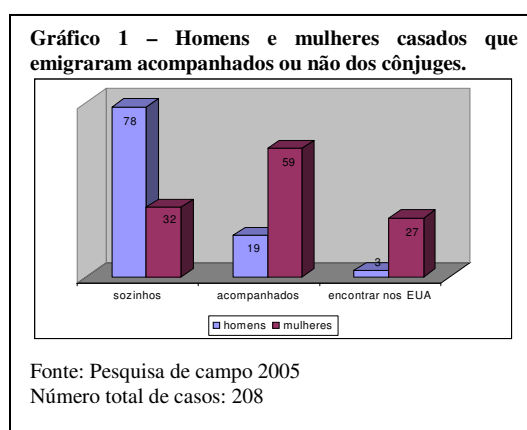
⁴ Neste artigo utilizamos a designação de valadarenses para todos os emigrantes que partiram e retornaram para a Microrregião de Governador Valadares que é formada pelas cidades: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroadi, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocêncio, Galiléia, Governador Valadares Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Matias Lobato, Nacip Haiddan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Bachio, São José do Safira, São José do Divino, Sobralia, Tumiritinga, Virgolândia, Governador Valadares.

grupo é constituído pelos emigrantes **bem sucedidos no projeto de retorno** que residem na Microrregião. Foi realizado um total de 173 entrevistas nas 25 cidades desta região, sendo que 87,3% são homens e 12,7% mulheres. Por que as mulheres são minoria entre os bem sucedidos no projeto de retorno é outra questão que procuraremos responder neste artigo. Além das entrevistas estruturadas foram realizadas 25 entrevistas em profundidade.

1 Gênero e a construção do projeto de emigrar

Diferentemente dos imigrantes europeus que chegavam ao Brasil no início do século XX que faziam a viagem em busca de condições de sobrevivência, pois não as tinham em sua terra natal, os emigrantes brasileiros contemporâneos que rumam para os Estados Unidos, não o fazem por necessidades econômicas prementes, mas pela possibilidade de realizar seu projeto de consumo de bens duráveis e não duráveis mais rapidamente. Tanto homens quanto mulheres partem com plano de trabalhar, fazer poupança e adquirir bens como a casa própria, um carro ou investir em vários imóveis ou montar um negócio para garantir renda melhor na cidade de origem. Seus investimentos visam principalmente, manter o status ou ter uma ascensão social ao retornar.

No gráfico 1 podemos observar que a maioria das mulheres casadas emigram acompanhadas dos maridos ou foram se encontrar com eles nos Estados Unidos, enquanto os homens emigraram sem seus cônjuges.



Dentre as mulheres casadas que emigraram sozinhas, 62% afirmaram que o casamento não estava indo bem, e a emigração foi também uma forma de se livrar do relacionamento. Aquelas que possuíam filhos deixaram seus filhos com os pais, avós e outros parentes.

Se eu for dizer por que realmente emigrei era para poder dar uma vida melhor para meus filhos [...] meus irmãos estavam aqui e me acolheram. Meu marido não queria nada com a dureza [...] eu não agüentava mais viver

aquela vida. [...] se eu quisesse uma vida melhor para eles eu tinha que vim. Eu sabia que meu casamento ia acabar, mas já tinha acabado mesmo, pelo menos posso dar mais conforto para meus filhos. (Maria, 42 anos, emigrou sozinha)

Diferentemente, os homens casados que emigraram sozinhos, consideravam seus casamentos sólidos (86%) e descreviam que o principal objetivo da emigração era também melhorar as condições de vida da família. Contavam com as esposas para a aplicação de seus investimentos e cuidados com a família.

Nós conversamos muito para depois decidir que eu deveria vim e ela ficar. Se tivesse conseguido o visto ela vinha também, mas pela fronteira achamos melhor eu vim sozinho [...]. Ela cuida de tudo. Nossa casa já está quase pronta [...] é ruim para ela e para mim, mas no final vai ser bom para todos nós. [...] o mais difícil é os filhos [...] já são 3 anos longe [...]. (Jorge, 45 anos).

Tanto para os homens como para as mulheres, casados ou solteiros a maior dificuldade na hora de decidir emigra era o fato de deixar a família, mas a possibilidade de melhorar de vida fizeram com que superassem este obstáculo.

A construção do projeto de emigrar na Microrregião de Governador Valadares está muito relacionado à construção das redes sociais que possibilitam aos moradores da região acessar informações na cidade de origem e acionar pessoas que o apóiam no destino. Segundo Boyd (1989) as redes consiste num conjunto de conexões estabelecidas por relações sociais desenvolvidas tanto no país de origem como no de destino. Estas redes possibilitam ao emigrante contatar os mecanismos e agenciadores que facilitam o processo na cidade de origem, ser recebido por parentes ou amigos no aeroporto e conseguir colocação no mercado de trabalho. A rede também possibilita o apoio emocional durante a estadia, desenvolvendo laços e espaços de sociabilidade.

Os homens emigraram mais com apoio de amigos (47%) do que de parentes (32%), portanto, fizeram uso as redes sociais para executar seu projeto emigratório. As mulheres contaram mais com as redes familiares (62%), contudo também buscam amigos para seu acolhimento nos EUA.

2 O trabalho nos Estados Unidos

As mulheres antes de emigrar trabalhavam como professoras (17%), funcionárias públicas (8%), no comércio (21%), como autônomas (12%) ou eram proprietárias de algum negócio (7%), donas de casa (30%) e estudantes (5%). Grande parte

dos homens trabalhava como comerciários (18%), serviço público (9%), proprietários (12%) e autônomos (17%).

O Grau de escolaridade das mulheres é ligeiramente superior a dos homens. Tinta e cinco por cento das mulheres e 31% dos homens possuem o segundo grau completo, e o curso superior completo temos 18% das mulheres e 16% dos homens.

Os emigrantes consideram que as maiores dificuldades enfrentadas para viver nos EUA são: a falta de domínio da língua inglesa (51,6%) e a falta de documentação para trabalhar no país (41,3%). A maioria deles, independente do sexo são indocumentados, e esta condição é o que mais os preocupa.

Dentre os não documentados, após 11 de setembro de 2001, quando ocorreu o atentado às torres gêmeas, e a fiscalização em relação aos emigrantes aumentou, a preocupação de ser deportado levou muitos emigrantes brasileiros a viverem mais reclusos.

“[...] antes eu ficava mais a vontade, agora eu fico muito tensa, só saio para trabalhar e procuro não ficar dando bobeira, porque qualquer coisa eles pegam a gente e aí é deportação [...] morro de medo”. (Anita, 38 anos).

Homens e as mulheres trabalham no mercado de trabalho secundário. A maioria das mulheres trabalha na faxina (61%) e como babás (23%). Os homens na construção civil (55%), na jardinagem (19%), em restaurantes (12%) e faxina (11%).

Tanto homens como mulheres trabalham em média 10 horas por dia em mais de um emprego. Os rendimentos também são equivalentes, recebem em média quinhentos dólares por semana.

As mulheres acompanhadas de seus cônjuges afirmam que as tarefas domésticas é sempre um ponto de atrito entre o casal. Afirmam que os companheiros ajudam nas tarefas, mas não com uma divisão igual. Reclamam que trabalham as mesmas horas, chegam tão cansadas quanto eles, mas a maior parte das tarefas fica para elas. Contudo, afirmam que nos EUA os companheiros são mais abertos para dividir as tarefas domésticas do que quando estão no Brasil.

Dentre o grupo dos mal sucedidos há uma descrição interessante das mulheres sobre a divisão das tarefas domésticas. Neste grupo temos quatro casais que emigraram a primeira vez juntos, retornaram e reemigraram novamente juntos. As mulheres descrevem uma mudança de comportamento dos companheiros em relação à divisão das tarefas domésticas e ao uso da renda familiar. Segundo elas nos EUA os homens aceitavam realizar tarefas como cuidar das crianças, fazer almoço, lavar banheiro, cuidar das roupas, contudo quando retornaram para o Brasil, mesmo ambos trabalhando o mesmo tempo fora de casa, não

aceitavam mais realizar tarefas domésticas que realizavam nos EUA. Depois da tentativa mal sucedida de retorno ao Brasil reemigraram e novamente as tarefas domésticas foram divididas entre eles.

“Aqui [EUA] ele faz comida, leva roupa para laundry, cuida das crianças, arruma casa, lava banheiro. É assim, quem chega primeiro faz o que precisa ser feito. Eu sempre fico com a parte mais difícil, mas ele ajuda bastante. Lá [Brasil] nem o prato da mesa ele tirava [...] lá sempre foi assim e olha que eu trabalhava o mesmo tanto que ele”. (vera, 35 anos)

“Aqui eu tenho o meu dinheiro, quando nós voltamos [para o Brasil] eu senti a maior falta do meu dinheiro [...]. Nós montamos uma mercearia, eu trabalhava do mesmo jeito dele, mas quem administrava tudo era ele e eu sempre tinha que pedir para pegar algum dinheiro. [...] depois de acostumar tendo o da gente é difícil ficar pedindo, por isso, apesar de tudo eu gosto daqui [...]. (Joana, 42 anos)

Recentemente⁵ na entrevista realizada com estes casais, perguntei aos homens porque deste comportamento tão diferenciado no Brasil e nos EUA, eles responderam que nos EUA todos fazem isto, no Brasil se fizessem isto seriam criticados pelos amigos.

“Aqui homem e mulher faz tudo, mulher também faz serviço de homem e não tem frescura, a [esposa] troca pneu, lava carro, e não reclama, é normal. Eu vou para a laundry e encontro muitos brasileiros lá. É normal, no Brasil isso é gozação o resto da vida”. (Jaime, 35 anos).

A idéia de que, para os homens, o período da emigração é um tempo fora da normalidade da vida está presente neste relato. A vida normal com separação das tarefas bem marcadas é no Brasil. No tempo de emigração concessões são feitas em nome da concretização do projeto emigratório. Ao retornar a vida retomar ao seu curso normal, ou seja, o homem volta a ser a autoridade a quem todos da família devem obediência. Só que no percurso do projeto emigratório a mulher passou a experimentar as vantagens de uma liberdade antes não conhecida, principalmente administrar seu próprio dinheiro e dividir as responsabilidades de provedora e dona de casa com o companheiro. Retornar a situação anterior é angustiante, muitas não conseguem e acabam separando, outras lutam e reconquistam seu espaço na família como tinha nos EUA.

Segundo Simmel (1983) nossa atividade e experiência são centradas na experiência imediata e na totalidade da vida. Esses dois sentidos configuram cada conteúdo de vida. Experiências cuja significação poderiam ser semelhantes quando se referem a si mesmas são extremamente divergentes. *“Se duas experiências, cujos conteúdos perceptíveis são semelhantes, uma é percebida como ‘aventura’, e a outra não, isto constitui aquela*

⁵ Em fevereiro de 2008 fiz nova entrevista com estes quatro casais via skype para completar os dados para este artigo.

diversidade da relação com a totalidade da nossa vida, pela qual cabe a esta tal significado, que à outra não se coloca.” (SIMMEL, 1998, p. 171)

A aventura extrapola o contexto da vida. Corre por fora de qualquer continuidade da vida. É um corpo estranho na nossa existência. Recebe a coloração de um sonho. Afasta-se do ponto central do eu e do decurso da totalidade da vida (é como se outro vivesse a aventura), mas está ligada ao centro da vida ou da existência.

Existe uma distinção de gênero na percepção desse contexto, depoimento de Jaime retrata exatamente este contexto colocado por Simmel. O tempo e o espaço da emigração estão fora do tempo e espaço real da vida. Dividir as tarefas domésticas nos EUA é possível porque é provisório, no Brasil, espaço da vida real, isto já não é mais possível, contudo para algumas mulheres esta percepção é diferente. Ao retornar não se submetem mais a uma divisão desigual das tarefas. Por esta razão Vera e Joana preferem viver nos EUA, pois têm igualdade de tratamento no espaço doméstico e sentem-se mais valorizadas e independentes. No período de emigração junto com os maridos conquistaram um espaço na vida doméstica que não aceitaram mais retornar as condições de diferenciação na divisão das responsabilidades.

3 O projeto de retorno para cidade de origem

O retorno é parte constitutiva do projeto migratório, tanto homens como mulheres emigram motivados pela possibilidade de retornar em condições econômicas melhores. No percurso do projeto muita coisa muda, nascem os filhos, conseguem documentação, compram casa, montam negócio e o tempo estipulado em 3 ou 4 anos se estende para 10 ou mais anos. O desejo de retornar sempre é acalentado, dizem: volto quando não agüentar mais trabalhar, quando meus filhos forem independentes, quando conseguir a cidadania, etc. Contudo, muitos afirmam como Mário, que planeja seu retorno há vários anos *“[...] voltar é mais difícil que vir”*.

O estranhamento no reencontro com a família e em relação aos costumes, a sensação de não se reconhecer pertencente ao seu local de origem, torna-se angustiante para alguns emigrantes que retornam. O espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas durante os anos de emigração já não são os mesmos. *“[...] mudou tudo, as pessoas são diferentes, é tudo muito desorganizado [...]”* diz Mário (52 anos) em seu relato sobre as dificuldades de retorno.

Sayad (1998) também compartilha a idéia de que na emigração sempre perpassa a idéia de transitoriedade e conseqüentemente do retorno ao país de origem. Da mesma forma, os que ficaram na terra natal pensam na ausência como temporária. Para este autor o emigrante vive em uma dupla contradição – o estado provisório da migração e o prolongamento desse estado por tempo indeterminado

Velho (1999) escreve a trajetória migratória de uma família açoriana que emigra para os EUA. Analisa a construção familiar do projeto de ida e retorno e as mudanças de perspectiva nessa trajetória. Enquanto os pais pouco assimilaram a cultura da nova sociedade, os filhos freqüentaram a escola americana e participaram mais efetivamente do estilo de vida americana. Analisando a trajetória dessa família, Velho (1999) demonstra as ambigüidades e os conflitos que surgem. Apesar de o projeto ser familiar, construído a partir de um contexto de rede de relações sociais que incluía o retorno, ao longo da trajetória o projeto foi reelaborado de modo diferente pelos membros da família. A idéia de fazer a América era compartilhada por todos, contudo, os pais preocupavam-se com os aspectos materiais e os filhos queriam usufruir a sociedade e os valores americanos.

Podemos acrescentar a esta perspectiva de Velho a idéia de que a mulher também reelabora seu projeto de vida e também de posição na família. Passa a reivindicar um papel diferente daquele aceito antes da emigração.

“Hoje eu não aceito varias coisas que aceitava [...] se trabalho do mesmo jeito, tenho direito de decidir em que vamos gastar o dinheiro que guardamos juntos [...]”. (Lúcia, 47 anos)

“Eu gosto daqui porque trabalho tem meu dinheiro e sou dona da minha vida. Lá não tinha meu dinheiro. Tinha que cuidar da casa e dos filhos sozinha [...]. Aqui ele sempre pedia minha opinião sobre os negócios e a gente decidia tudo junto. Lá parece que eu fiquei burra [...] ele sempre dizia ‘você não sabe de nada, deixa que eu resolvo’. (Neida, 39 anos)

Dependendo das diferentes trajetórias dos migrantes ele vai sendo reelaborado segundo as peculiaridades de *status*, capital social, gênero e geração. Neste sentido, Velho (1999, p.47) considera que *“As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir de delineamentos mais ou menos elaborados de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e da interação com outros grupos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades.”*

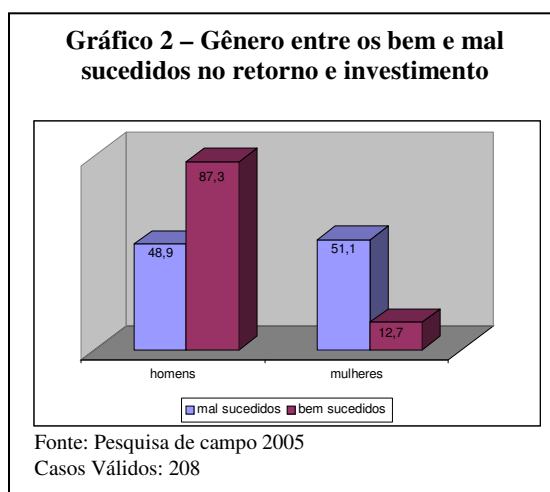
Neste percurso ao retornar muitos casais não conseguem permanecer juntos, a mulher não aceita retornar a uma posição secundária na família e quer manter o mesmo status conquistado enquanto emigrante.

“A gente brigava o tempo todo [...] ele mudou totalmente, o dinheiro era nosso, eu ralei igual a ele, mas ele sempre dizia: eu vou fazer isto ou aquilo, nunca pedia minha opinião. [...] antes era assim, mas eu não aceitei mais [...]”. (Neida, 39 anos)

Este casal separou seis meses depois de retorna para o Brasil. Ambos reemigraram, mas separadamente.

4 O retorno mal sucedido e bem sucedido. Onde estão as mulheres?

No gráfico 2 podemos observar que entre os mal sucedidos no projeto de retorno e investimento o percentual de homens (48,9%) e mulheres (51,1%) é semelhante, entretanto entre os bem sucedidos, ou seja, aqueles que retornaram e tornaram-se empreendedores, o percentual de mulheres (12,7%) é significativamente menor. O que aconteceu com as mulheres no retorno?



A coleta de dados entre os empreendedores bem sucedidos era sempre realizada com o proprietário, aquele que detinha as informações sobre o empreendimento. Os homens eram os que se apresentavam como proprietários e administradores. Mesmos quando as mulheres estavam presentes ou eram as primeiras a serem encontradas estas diziam que os maridos é que sabiam informar sobre o negócio.

Foram realizadas entrevistas em profundidade com seis casais do grupo denominado bem sucedido e quatro do grupo mal sucedido que emigraram juntos. Nos relatos fica evidenciado como no retorno as relações de gênero mudam entre os casais e como os maridos tomam a frente dos investimentos, cabendo a mulher um papel secundário.

Lívia emigrou em 2001 com o marido e permaneceu por quatro anos em Boston. Deixou os dois filhos, um de sete e outro de quatro anos com os avós maternos. Retornou para sua cidade de origem com dinheiro suficiente para abrir uma mercearia no prédio de dois andares que construíram enquanto estavam nos EUA.

“Lá a gente trabalhava igual, eu na faxina e ele na construção. Quem chegasse primeiro cuidava da casa e preparava a comida [...] roupa também não tinha disso que eu que tinha que lavar, ele também lavava e guardava. [...] aqui nunca foi assim, nem antes nem agora. [...]. A gente dividia tudo [...] apesar da dureza da vida e da saudade dos filhos eu tenho saudade [...] eu me sentia mais valorizada, mais viva [...]. O que eu ganhava era para mandar para os gastos das crianças e para pagar o aluguel e as nossas despesas [...] o dinheiro dele era para mandar para a construção [...] foi assim que combinamos. A gente conversava tudo e decidia junto. [...] aqui agora? [suspiro] é diferente, ele é que decide eu só ajudo [...] tudo isso que você perguntou eu não sei de quase nada [...] ajudo quando ele precisa. [...] quando voltamos foi muito difícil, as crianças estavam rebeldes e eu tive que ficar mais em casa para controlar [...] depois foi ficando assim e agora não consigo mudar [...] o que eu acho pior é ter que ficar pedindo dinheiro [...] se eu pudesse levar meus filhos não pensava duas vezes, eu ia outra vez [...]. A gente teve muitos problemas, só não separamos porque eu tenho meus princípios religiosos e acho que casamento é para vida toda, mas é difícil voltar para essa situação depois que a gente vive lá [...]”.

Lívia demonstra saudades da liberdade e da participação mais efetiva que tinha na família. Sentiu dificuldades de voltar à condição anterior de sua vida conjugal e relata a vontade, mesmo que distante de viver em um espaço onde se sinta valorizada e possa ocupar uma posição de igualdade com o Marido. Justifica o comportamento diferente do marido no Brasil quando afirma *“[...] aqui ele diz que não pode ser igual, em certos casos eu acho que sim, até a família da gente também acha estranho se fosse igual lá”*. Diz isso se referindo à divisão das tarefas domésticas e sua participação nos negócios da família.

Carlos e Vera tinham um *Schedule*⁶ de faxina. Trabalhavam juntos e faziam as mesmas atividades na limpeza das casas, na vida doméstica também havia uma divisão de tarefas igualitárias. Inicialmente, Carlos trabalhava como pintor, mas um acidente o

⁶ É a forma como os emigrantes denominam um conjunto de casas onde fazem faxina.

impossibilitou de continuar, então resolverão que se os dois trabalhassem no negócio de faxina continuariam ganhando a mesma coisa e poderiam voltar para o Brasil assim que terminassem a construção. Tinham planos de montar uma loja para Vera trabalhar e uma oficina mecânica para Carlos que antes de emigrar trabalhava como empregado em uma oficina. Deixaram sob os cuidados dos tios sua filha de um ano e meio. Depois de três anos de muito trabalho retornaram. O dinheiro que trouxeram foi suficiente só para montar a oficina.

“Eu não concordava com nada que ele fazia. Carlos só pensava no lado dele, pegou todo o dinheiro e fez a oficina [...] tudo que eu falava ele sempre tinha uma justificativa [...] ele dizia: a oficina vai dar mais dinheiro [...] depois a gente faz a loja. O dinheiro acabou e nada de loja [...]. Se não fosse meu Schedule depois do acidente ele tinha ficado sem trabalho [...]. Quando chegou ao Brasil parece que ele esqueceu tudo, e achou que eu ia ficar no mando dele a vida toda”.

O casal se separou e Vera retornou para os EUA com a filha dois anos depois. Carlos também retornou depois de fechar a oficina que foi a falência. Vera afirma que depois de viver nos EUA e saber que era capaz de ganhar dinheiro e cuidar de sua própria vida ela não aceitava mais “certas coisas” no relacionamento. *“eu não ficava mais como cordeirinho, só no mando dele, eu sabia que podia cuidar de mim e da minha filha sem ele. [...] aqui eu posso ganhar meu dinheiro e viver bem, lá todo mundo fica achando que a gente tem que ficar no mando do marido, por isso eu prefiro viver aqui”.*

Para Carlos, ao retornar para o Brasil, espaço onde cabia a esposa retornar à condição de dona de casa cumpridora de suas atividades domésticas, as atitudes e idéias de Vera causaram estranhamento.

“A vida lá é diferente, a gente topa tudo para ganhar dinheiro [...], faz o que não faz aqui, mas quando volta não dá para fazer igual lá. Aqui tá nossa família [...]. Todo mundo diz que EUA destrói família, e destrói mesmo, eu vi isso na minha. Vera voltou cheia de idéias contrárias, achava que era sabichona. [...] não dá prá viver aqui como se vive lá [...] nossa cultura é diferente [...] até a família achava estranho as atitudes dela”.

Vera hoje tem o *Green Card* e considera que a maior conquista como emigrante não foi o dinheiro que ganhou, mas a conquista de sua liberdade e de se perceber hoje como uma pessoa que pode fazer suas escolhas e decidir sua vida.

“Eu fui criada para ser dona de casa, nunca tinha trabalhado, antes obedecia meu pai, depois meu marido. Aqui eu vi que eu posso ser dona da minha vida [...]”

No percurso do projeto migratório, para algumas mulheres, a conquista de sua autonomia e da percepção de si como um ser capaz de construir e direcionar sua vida independente dos cônjuges é também alcançado. Por isso, para vera e muitas outras mulheres, mesmo seu retorno não tendo sido bem sucedido do ponto de vista do investimento ela obteve sucesso numa outra dimensão. Percebeu-se como ser capaz de dirigir seu próprio destino.

Para as mulheres que permanecem na origem enquanto seus maridos empreendem o projeto migratório também ocorre uma mudança. Tornam-se administradoras e assumem a posição de poder de decisão na família.

“[...] eu que administrei a construção disso tudo [um prédio de três andares com loja de comércio no térreo] ele só mandava o dinheiro. Virei pai, mãe e construtora. Antes eu nem sabia mexer com banco, tive que aprender tudo [...]. Ele punha defeito em tudo, na construção, na loja [...] acho que ele ficou com ciúmes quando viu que eu fiz melhor do ele faria”. (Ana, 44 anos).

Quando o marido retornou a construção estava pronta e a loja de material de construção já estava funcionando. Segundo o relato de Ana foi um período muito difícil para o casal, do sonho de retomar a vida normal da família, depois de quatro anos de afastamento e muita saudade, a chegada do marido se transformou num pesadelo. A dificuldade de readaptação do marido à cidade e à família foi grande. Ela, depois de ter se transformado numa excelente administradora, de ter aprendido a gerenciar a loja não aceitava retornar a posição anterior de mera expectadora das ações do marido. Ele também estranhou, pois deixou uma esposa e encontrou outra.

“[...] ela se desenvolveu, criou asas [...] não deixava eu nem pagar a conta de água no banco. Ficou mandona e dava ordens para mim [...] foi muito difícil. [...] agora a gente se acertou, mas separamos duas vezes [...]”. (Mário, 47 anos esposo de Ana).

O tempo, a experiência vivida transformou tanto o marido que emigrou quanto a esposa que aqui permaneceu, pois elas assumem um novo papel na relação familiar.

Por tudo isto, podemos considerar que a emigração tem um significado diferente para as mulheres, tanto para as que emigram como para as que aqui permanecem

tendo seus maridos emigrado. Elas acabam por se perceberem como seres capazes de ter voz ativa e tomar decisões.

CONCLUSÃO

A migração para os Estados Unidos na Microrregião do Vale do Rio Doce teve início em 1964 com a viagem de 17 jovens valadarenses. Ao longo dos anos de 1970 até meados de 1980 formou-se uma rede que se constituiu em um dos fatores para o *boom* emigratório na segunda metade dos anos de 1980. Nos primeiros anos desse fluxo os homens emigravam mais que as mulheres. Pesquisas mais recentes⁷ dão conta do aumento do fluxo de mulheres a partir do final da década de 1990.

A construção do projeto de emigração é o mesmo tanto para os homens como para as mulheres. O projeto é sempre motivado pela possibilidade de abreviar o tempo na obtenção de bens duráveis e da melhoria das condições de vida.

Na busca de realização desse projeto muitos casais emigram juntos, submetendo-se às mesmas condições de trabalho no país de destino e retornam. Durante o período de emigração as relações de gênero na família mudam. A divisão das tarefas domésticas é mais igualitária e os ganhos do casal também. A mulher que muitas vezes nunca trabalhou fora, ou se trabalhou tinha uma renda muito menor que a do marido se vê em igualdade de condições e experimenta uma situação de valorização de sua posição na família como alguém que tem respeito e poder de decisão.

Os homens percebem esta situação como transitória, como informa Simmel (1984) um tempo fora do tempo natural da vida. Retornando para a origem a expectativa do marido é que tudo volte ao ponto inicial. Mas como assinala Sayad (1998) é possível voltar ao ponto geográfico da partida, mas não é possível retornar ao tempo da partida. A experiência emigratória vivida pela mulher que muitas vezes pela primeira vez se percebeu capaz de gerir sua própria vida, torna incomoda retornar à situação inicial, onde tinha um papel secundário. Neste sentido muitos casamentos são desfeitos e muitas retornam para os EUA, ou permanecem aqui e conquistam um espaço de respeito e valorização dentro do casamento.

O projeto de emigrar dos homens e mulheres é motivado pelo mesmo desejo de melhorar as condições de vida, contudo, no retorno as mulheres se vêem em uma situação diferenciada. No período de emigração conquistaram muito mais que capital para melhorar

⁷ ASSIS, 2004; SIQUEIRA, 2006.

sua condição de vida na origem, conquistaram um espaço de igualdade nas relações conjugais. Na origem querem manter essa relação, contudo os companheiros não. Abre-se então um espaço de conflito que pode termina em separação ou reconfiguração das relações na origem.

Mesmo as mulheres que permanecem na origem, cujos maridos emigram experimentam uma nova situação. Com a ausência dos maridos passam a tomar decisões e se percebem capazes de administrar sua família. Deixam a posição secundária e passam a ter poder de decisão. No retorno dos maridos o estranhamento, o incomodo de retornar a posição anterior é sentida. Muitas conseguem manter suas conquistas, contudo muitos casamentos são desfeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**. Reajarranjos familiares de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiro. 2004. 325 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BOYD, Monica. Family and personal networks in internacional migration: recent developments and new agenda. **International Migration Review**. S.l. 23(3), p. 638-670, 1989.

DeBIAGGI, Sylvia Dantas. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DeBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (org.). **Psicologia, E/Imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 135-164.

FUSCO, Wilson. **Capital Cordial**: a reciprocidade entre os migrantes brasileiros nos Estados Unidos. 2005. 138 f. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil**. Imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas (SP): Papirus, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMME, Georg. A aventura. In: SOUZA, Jessé e OËLZE, Berthold. (orgs). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: UnB, 1998.

SIQUEIRA, Sueli. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Una perspectiva transnacional. **Simposio Internacional Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones.** 14 y 15 de febrero de 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.